

A urgência da EDUCAÇÃO ARTÍSTICA enquanto acção agonística: como um terreno político, epistemológico/ontológico singular, alargado e plural

É bom ter a consciência de que a acção de um professor não é inócua. Cada imagem que escolhe, cada actividade que propõe, cada decisão que toma no decorrer da sua acção pedagógica está imbuída das suas concepções sobre o que é a Educação Artística; sobre o que os seus alunos têm de aprender na sua disciplina; sobre o que é a Literacia Visual; sobre quem pensa que são os seus alunos..., ainda que disso não esteja totalmente consciente.

RICARDO REIS (2011: 413)

1. O mundo ocidental no século XXI desvanece-se como cerne do desenvolvimento, e espelho de um sistema político democrático, optimista e irradiante, resultado de um sistema global onde o 'mundo financeiro', escondido e incógnito, comanda, move governos e dita políticas, sabendo deslocar para fora de si as medidas-necessárias para superar os cataclismos financeiros criados pelas suas políticas. Os resultados da ganância dos poderosos, medidos na dimensão dos excluídos, dos sem-emprego-e-sem-esperança, dos refugiados sem-espaço-e-sem-água, dos resíduos-sem-nome-e-sem-terra, dos novos-remediados, são desesperantes para quem desacredita no que é mostrado e constrói a sua percepção crítica perante as representações dos dominantes hegemónicos e lhes contrapõe uma prática agonística, e não se cansa de lutar por uma possibilidade de haver um *aberto* no tempo que *há-de vir*.

A urgência de alterações visíveis, é assumida de modo diferenciado por focos resilientes, que não ignoram os fracassos de narrativas alternativas, e em geografias onde o percurso histórico é diferente, onde a independência e a auto-determinação dos povos conseguida no século XX não se substituíram por cópias-apressadas das formas de poder do mundo ocidental e, noutro sentido e em geografias sobrepostas, se procuram caminhos próprios, num percurso que se entreluz com as posturas agonísticas face aos valores hegemónicos do velho-mundo-ocidental.

“Não pretendemos dominar o mundo”, declara um dirigente de uma firma transnacional, “queremos apenas possuí-lo”.

LATOUCHE, Serge (1998: 39)

São tempos complexos e difíceis os deste início do século XXI, tempos múltiplos e encruzilhados que obrigam a atenção, escuta e paragem, ao encontro de uma acção esclarecedora, à mobilização de uma disponibilidade plena do corpo e do juízo, perante o que parece distante e o que se apresenta como distinto. Onde quer que se esteja, estaremos em 2014, conhecedores das desgraças longínquas, dos

êxitos das estrelas e das façanhas impressionantes de nossos artistas, dos sorrisos-falsos-da-tv, das falsidades e demagogias descaradas dos políticos-profissionais do poder, das procuras de outros-ares-de-refúgio em Marte, procurando discernir o que nos é escondido, o outro lado do que nos dizem os ‘especialistas’. Nesta actualidade de tormentos abundantes, pretende-se promover o debate, de clarificação agonística de procura de um entendimento crítico e heterogéneo, busca-se a possibilidade simples de se poder voltar a ter desejos pessoais e interesses próprios, isolados dos discursos do ‘mercantilismo do consumo globalizado’, das ‘economias do saber’, resistentes aos ‘dispositivos de regulação’, capazes de lidar com o ‘vigiar e punir’, persistentes numa capacidade de resposta ao convite permanente à resignação e ao dormente conforto.

A organização de este número do (in)visibilidades pelo Núcleo de Educação Artística do Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade (i2ADS/FBAUP), inscreve-se na pertença deste colectivo a um espaço de resistência no interior dos dispositivos de poder onde habita, procurando nas heterogeneidades existentes uma acção difusora de busca de possibilidades de intervenção crítica, persistentes na construção de uma narrativa comprometida apenas *aberto*, que a atenção aos tempos possibilita.

O conforto, a facilidade, o controle elevam a conversa às formas de comunicação impessoal, em que se fala em volta dos problemas e em que cada um renuncia a si mesmo para deixar falar momentaneamente o discurso geral.

BLANCHOT, Maurice (1959: 229)

A visibilidade deste panorama alarga-se pela maior parte da humanidade, atormentada e numa revoltada imobilização, deixada adormecer no *charme* que a sociedade de consumo exhibe, e nas opiniões que a ‘economia do saber’ espalha na procura da manutenção das regalias que sobram da ganância dos centros financeiros, das simbologias de poder e dos interesses que os cargos públicos oferecem. As acções de revolta, isolam-se e não adquirem espaços de representação que tornem visíveis e reforçadas as ideias que as alimentam. Esta impotência de presença agonística significativa em prol de uma democracia radical, resultante da história recente, dos contratempos e do esgotamento das representações

políticas geradas, apenas mostra a urgência de se contrariarem os caminhos de reprodução deste modelo social, na procura de um outro, *aberto*, em aberto.

A pessoa singular não é um início, e as suas relações com outras pessoas não têm um início. ELIAS, Norbert (1987: 52)

2. A inscrição na Educação Artística acarreta uma implicação crítica na actualidade, por se tratar de uma área de acção interrelacional, um espaço de produção de realidade, ou seja, um terreno nunca inócuo de intervenção, que ou se torna inerte na reprodução das narrativas hegemónicas e na disciplina dos jovens e sujeitos, ou então, que persegue a construção de possibilidades críticas de um outro devir, onde cada cidadã e cada cidadão possam ter os seus próprios desejos e interferir democraticamente na comunidade. Esta inscrição crítica tem um sentido redobrado por ser a arte um campo de acção humana comprometida com o político e a arte contemporânea um lugar particular de implicação no entendimento das encruzilhadas do tempo, onde a actualidade configura complexidades que têm de ser entendidas, numa compreensão que lhe configura o próprio sentido.

No amplo território que a Educação Artística habita, nomeada assim por configurar o campo onde se estabelecem relações educativas com a arte, na dimensão dos eventos que lhe conferem dimensão social, alojados nos museus de arte e nas instituições culturais, nas escolas de arte e na presença do artístico nos currículos escolares, presentes no relacionamento estabelecido por artistas com comunidades, quer seja em modalidades formais e estruturadas, quer em relacionamentos abertos, híbridos ou desmaterializados, a relação anteriormente referida ao político, tem a mesma amplitude vinculativa que lhe confere o sentido,

... o poder transformador da colectividade humana sobre o seu destino que se funde (no aqui-e-agora) numa temporalidade utópica, incompreensível, inimaginável, que o pensamento já não pode alcançar.

JAMESON, Frederic (2001: 77)

3. A Educação Artística vive um momento crítico, em primeiro lugar porque as políticas hegemónicas subtraem as condições objectivas necessárias para o seu desenvolvimento, criando situações escandalosamente desfavoráveis nas escolas, nas universidades, nos museus e centros educativos. Embrulhado em narrativas de reconhecimento do valor da cultura nas sociedades, determinam-se políticas que tendem a isolar a arte num reduto fechado, ao mesmo tempo que se retrocede na criação de espaços educativos, onde a proximidade à arte se torne possível, pela experimentação do seu fazer-saber, pelo envolvimento do corpo na sua experiência, pelo entendimento da sua complexidade, pelo usufruto da sua natureza irradiante de vida.

Mas este momento crítico corresponde também às incapacidade de se gerarem práticas renovadas correspondentes às demandas da actualidade, que se libertem do modelo desenvolvido no século passado correspondendo ao fulgor do modernismo, e se criem outras realidades educativas onde se instale a capacidade de fazer-intervir, a prática da produção de sentidos e de actos significantes, resultantes de um entendimento do artístico construído numa proximidade à arte, a seus produtos e discursos, que a reconheça como um campo de actividade humana inscrita numa particular e permanente procura do inalcançável, e não por simulações falseadoras do inimitável.

Isso não é um cachimbo. A pintura mente. Mas ela diz a verdade quando diz que mente. De todo o modo, é bom não confiar muito nela.

CAUQUELIN, Anne (2006: 107)

4. Este texto inicia a publicação de uma revista que marca a presença de uma vontade de na Educação Artística se entenderem as possibilidades de ‘um fazer’ renovado e contemporâneo, correspondente ao pensamento crítico que se torna esclarecido, também por uma acção de recusa da manutenção das rotinas e dos desânimos crescentes, face aos muros sombrios que se vão construindo e que dificultam o seu exercício.

Assinala-se, assim, numa demanda resiliente e positiva, a possibilidade de se multiplicarem as acções que conferem

à Educação Artística outras possibilidades de interferência educativa, democrática e propiciadora de posturas críticas e de materialização das capacidades de produção de intervenções de natureza artística das crianças, jovens e adultos. Apela-se a este debate, a uma prática revirada de onde irradie a possibilidade de se aprender, ensinar, aprender/ensinar, sempre, em todo o lado, para se ser, para fazer, para saber, para não-saber, para viver...

setembro de 2014

O presente número da Revista Invisibilidades é um número especial. Em primeiro lugar representa um trabalho colaborativo entre o Núcleo de Educação Artística do i2ADS-Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade, e o corpo editorial desta revista, particularmente representado na figura de Ricardo Reis que, enquanto colaborador também deste Núcleo, propôs a realização colaborativa deste número.

Os textos aqui reunidos são, portanto, resposta a um desafio que se apresentava como a urgência de um pensamento e de uma postura radical em educação artística perante as ofensivas do poder. Um número que pretendia não apenas denunciar, mas fazer viver as tensões que borbulham quando assumimos a intranquilidade do questionamento e aceitamos de frente o desafio de viver agonisticamente. Se os textos conseguem fazer transparecer os conflitos próprios da complexidade dos tempos que vivemos, essa é uma questão a que apenas cada leitor(a) poderá responder. Mas da sua leitura emergirá a certeza de que estes textos transportam diferentes backgrounds e posicionamentos teóricos claramente diferenciados que revelam políticas de pensamento. O mais interessante será analisar cuidadosamente o político que cada um inscreve, que é a dimensão necessária do antagonismo.

Mas o presente número é também especial porque incorpora em si um outro núcleo de textos que, não sendo resposta à chamada lançada para esta revista, são em si mesmos reveladores de posicionamentos críticos em educação artística a partir dos contributos de Elliot Eisner, que recentemente nos deixou. Entender Eisner como uma ‘per-

sonagem conceptual', utilizando aqui a expressão de Gilles Deleuze e Félix Guattari, que viajou por diferentes geografias e foi também diferentemente apropriado, é talvez uma maneira justa de lhe prestar homenagem. O interessante destes textos é que eles são o resultado de encontros que estes diferentes autores tiveram com Eisner, encontros que se podem dizer também encontros com ideias e com um modo de pensar que permitiu a cada um(a) dele(a)s pensar mais sobre aquilo que já queria pensar. Deste modo, com a publicação deste número da revista Invisibilidades cumpre-se um duplo objectivo: o de pensar sobre os poderes que constroem as actuais práticas em educação artística, numa dimensão internacional, e a lembrança de um autor fundamental para uma larga comunidade de pensadores e educadores na área da educação artística. Que ele seja sobretudo lembrado não como 'herói' mas como intercessor de pensamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLANCHOT, Maurice (1959). *Le Livre à Venir. O Livro Por Vir*. Martins Fontes, São Paulo, 2013. tradução de Leyla Perrone-Moisés.

CAUQUELIN, Anne (2006). *Fréquenter les incorporels . Frequentar os Incorporeais*, S. Paulo, Martins Fontes, 2008, tradução Huendel Viana.

ELIAS, Norbert (1987). *Die Gesellschaft Der Individuen. A Sociedade do Individuos*, Lisboa, Publicações D. Quixote (2004), tradução de Mário Matos.

JAMESON, Frederic (2001). *A cultura do dinheiro: Ensaio sobre a globalização*, Editora Vozes, tradução de Maria Elisa Cevalco e Marcos César de Paula Soares.

LATOUCHE, Serge (1998). *Les Dangers du Marché Planétaire, Os perigos do Mercado Planetário*, Lisboa, Instituto Piaget, 1999, tradução de Nuno Romano.

RICARDO REIS (2011). *A Literacia Visual desde "quem os meus professores pensam que sou?": uma análise sobre as imagens que os professores mostram aos seus alunos*. in Sara Pereira (org) Congresso Nacional "Literacia, Media e Cidadania", Universidade do Minho, 2011.

José Carlos de Paiva

*i2ADS — Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade
— Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.*

Catarina Silva Martins

Coordenadora do Núcleo de Educação Artística do i2ADS